

Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra
Junho de 2012

ANÁLISE DE FONTE PRIMÁRIA, PARTE 02: SEXTO EMPÍRICO, ‘CONTRA OS LÓGICOS’ 1-27.

i- Introdução:

No artigo anterior, publicado no número 56 deste *‘Boletim’*¹, perseguimos as etapas do argumento de Sexto Empírico em *‘Contra os Lógicos I’* até o passo (26). Assim, pudemos perquirir como a argumentação sextiana se incide sobre uma noção muito cara à epistemologia da Stoá: a ideia de que é possível reconstruir cadeias causais desde os fenômenos ou objetos ‘autoevidentes’ (*pródēlon*, que são imediatamente percebidos, em sua obviedade, através dos sentidos) até aqueles que são ‘não evidentes’ (*ádēlon*, que opostamente àqueles, são os que não podem ser percebidos) que, por seu turno, se tornariam — através justamente da reconstrução das cadeias causais — evidentes à razão (*dēlon*, simplesmente evidentes). Para entendermos melhor o funcionamento da causalidade para os Estóicos, façamos um breve interlúdio à sua física, atentemos que os Estóicos concebiam a filosofia como sistema tripartite; dessa forma, há na parte lógica a fundamentação das possibilidades e faculdades do conhecimento que servem como ferramentas para a compreensão da natureza (física) que, finalmente, uma vez entendida e interpretada corretamente proporciona as regras para ação humana, o ideal ético Estóico é o de uma vida vivida em conformidade com a natureza.

ii- Um breve interlúdio sobre a física da Stoá:

Para os Estóicos, a física é a parte da filosofia que lida com o que, de modo geral, concerne ao mundo físico, desde questões sobre a *arkhē* originária até as ciências empíricas (astronomia e medicina, por exemplo). Ademais, é um dogma central à física da Stoá que “tudo o que existe é corpóreo”, dessa forma, ser ou existir devem ser identificados com a corporeidade, e mesmo coisas que usualmente poderiam ser consideradas

¹ *‘Análise de fonte primária: Sexto Empírico, ‘Contra os Lógicos’ 1- 26’*, página 19.

incorpóreas, como a alma, a justiça e a virtude são tidas como corpóreas pelo Estoicismo. Também, há coisas que podem ser reais, mas que não são corpos (são ‘incorpóreos’) e que, portanto, não existem de acordo com a ontologia materialista Estóica; são quatro entidades que os Estóicos não se arriscariam a afirmar que são nada, mas que não são corpos, embora sejam algo (*ti*): o vazio (ou nada), o tempo, o lugar e os “dizíveis” ou “exprimíveis” (*lektá*).

Na categoria dos corpóreos cabem todas as coisas que têm a capacidade de agir ou de sofrer ação², dentre as quais estão a virtude, a justiça e também paus e pedras. Então, para os Estóicos, há o gênero ontológico supremo que inclui todas as entidades reais, abaixo do qual há as classes dos existentes (corpóreos) e dos inexistentes (incorpóreos). Considerando com mais cuidado a definição de corpóreo como o que age e que sofre ações, podemos entender alguns pontos tradicionais sobre a cosmologia dos Estóicos, para quem havia dois princípios (*arkhai*), precisamente o que age (*to poioun*) e o que sofre ações (*to páskhon*), que são Deus e a matéria:

De acordo com os Estóicos, os princípios são dois: o ativo e o passivo. O princípio passivo é a essência sem qualidade — a matéria —; o princípio ativo é a razão na matéria, ou seja, Deus. E Deus, que é eterno, é o demiurgo criador de todas as coisas no processo relativo à matéria. Essa doutrina é exposta por Zenão de Cítio na obra *Da Substância*, por Cleanto na obra *Dos Átomos*, por Crisipo na parte final do primeiro livro da *Física*, por Arquedêmos na obra *Dos Elementos* e por Posidônio no segundo livro de sua *Física*. Conforme os Estóicos, há uma diferença entre princípios e elementos: os princípios não foram gerados e são incorruptíveis, enquanto os elementos se corrompem quando ocorre a conflagração do cosmos. Além disso, os princípios são incorpóreos e informes, enquanto os elementos têm uma forma determinada. (*Diógenes Laércio, Vidas dos Filósofos*³, VII 134).

Estranhamente, apesar de haver dois tipos de corpóreos que desempenham distintos papéis cosmogônicos, um ativo (Deus) e outro

² Essa espécie de critério para a corporeidade aparece como um postulado emitido da boca do próprio Zenão em Cícero, *Acad. pr.* 39 em uma discussão sobre física.

³ Doravante citado como *D.L.*

passivo (a matéria), fontes antigas⁴ nos relatam que os Estóicos eram monistas estritos, de modo que tudo que é corpóreo é, para eles, parte de uma mesma coisa, a *phýsis*. Mas isso que poderia ser visto como uma problemática adicional, na verdade, só vem a acrescentar a ideia de que, de fato, tudo o que faz parte do conjunto dos corpóreos é o mesmo, embora, para efeitos de elucidação, haja um corpóreo ativo e outro passivo que propiciaram a criação do próprio *kósmos* em um tempo inicial incorpóreo. Ademais, não obstante todos os corpóreos serem definidos como ativos ou passivos, não há, por parte dos Estóicos, uma rigidez que nos aponte quais os corpóreos que são sempre ativos e que, portanto, são causalmente sempre anteriores aos corpóreos que são sempre passivos, isso porque não há corpóreos “sempre ativos” ou “sempre passivos”, todos os corpóreos sofrem ações originadas em outros corpóreos e causam ações a outros corpóreos, de modo que as relações causais entre eles são extremamente imbricadas⁵.

Assim sendo, voltando às coisas não claras (*adēlon*) que aparecem em ‘Contra os Lógicos’ I, 26, deve haver, para os Estóicos, alguma forma de conhecê-las e, em sua concepção empirista de conhecimento, parte-se daquilo que eles consideram evidentes por si (na passagem: *enargē*) para, por meio de um critério, chegar aos tais não evidentes (não claros ou obscuros). Ademais, esse critério deve ser suficientemente forte e bem estabelecido, dada a imbricação causal entre todos os corpóreos, para que possam ser eficientemente feitos os rastreios das correntes causais.

iii- Comentários:

Para Sexto Empírico, considerando o exposto acima, ao investigar-se as epistemologias dogmáticas, deve-se começar pelo critério, e é justamente a uma investigação sobre o critério que ele parte no passo (27). Assim:

A investigação do critério(Ἡ περὶ τοῦ κριτηρίου ζήτησις) é universalmente controversada, não somente porque o ser humano é por natureza um animal amante da verdade, mas também porque as escolas de filosofia de mais alto nível fazem julgamentos sobre as questões mais importantes. Pois,

⁴ Ver Calcídio, in *Tim.* 293.

⁵ A imprevisível imbricação causal entre os corpóreos propicia o fecundo ataque cético de Enesidemo (contra os etiologistas) que aparece em Sexto Empírico, *P.H.* I 180-185.

ou a grande e solene ostentação (αὐχμηρα) dos dogmáticos terá de ser abolida se nenhum padrão for encontrado para a verdadeira natureza das coisas, ou, pelo contrário, os céticos terão que ser condenados pela precipitação (κατατολήσαντας) na rejeição das crenças comuns, se algo vem à luz que é capaz de conduzir-nos à apreensão da verdade. Pois será muito ruim empenhar-se um esforço extremo em investigar os critérios externos, tais quais réguas e compassos, pesos e balanças, enquanto deixamos de lado aquele que está em nós, e que é pensado como capaz de testar aquelas muitas coisas.⁶ (EMPIRICUS, S. *Contra os Lógicos* I, 27).

Em ‘Esboços Pirrônicos’ (ou *H.P.*), outra obra de Sexto, há a definição de uma metodologia suspensiva, expressa sob a forma de um esquema cético (σκεπτική ἀγωγή) composto pelas seguintes etapas (*P.H.* I, 25- 30):

* *Zétesis* (investigação ou busca) → *diaphōnía* (discrepância ou discordância) → *isostheneia* (equilíbrio ou igual força lógica) → *aporía* (impossibilidade de pensar em uma saída para a questão) → *epoché* (suspensão do juízo ou retenção do assentimento) → *ataraxía* (quietude ou, melhor por conservar o prefixo de negação, imperturbabilidade).

Dessa forma, primeiramente, ao defrontar-se com uma questão, o cético investiga. Essa investigação consiste em uma busca por respostas ou evidências, e ao prosseguir e aprofundar-se na busca o cético percebe que há diferentes teses sobre a questão que investiga. Essas teses são iguais e contrárias e têm igual peso lógico, diante disso o cético mergulha em *aporía* e retém o assentimento. Ao fazer isso ele livra-se da necessidade de aderir a uma teoria qualquer sobre a questão investigada e livra-se da aflição, atinge a imperturbabilidade.

Retornando ao passo (27), Sexto Empírico deixa claro que aplicará ao problema do critério a metodologia cética, assim, o primeiro passo é investigar⁷. Em seguida, ele relata o fato de que há uma *diaphōnía* universal

⁶ Todos os grifos nesta passagem são nossos.

⁷ Ver a ocorrência da palavra ζήτησις sublinhada na passagem citada imediatamente acima.

quanto ao critério. Ademais, como resultado da metodologia cética, ter-se-á ou o fim da ostentação⁸ dos dogmáticos, ou o fim da precipitação⁹ em que incorreriam os céticos ao afirmarem a incoerência dos critérios dogmáticos. Com relação ao tópico do fim da ostentação e da precipitação, ressaltamos que Sexto Empírico era um médico que pretendia livrar o homem das patologias criadas pelo assentimento a dogmas filosóficos.

Epicuristas e Estóicos afirmavam que suas filosofias, embora diferentes e de diferentes modos, deveriam conduzir os adeptos ao bem viver (geralmente definido de modo negativo, como imperturbabilidade, assim como no ceticismo); para tal, seria necessário aderir aos dogmas epistemológicos de cada escola para compreender-se a natureza e viver-se conforme seus ditames. Contudo, Epicuristas e Estóicos divergiam em suas teorias do conhecimento, da mesma forma, divergiam quanto a suas concepções físicas. Desse forma, como uma mesma natureza poderia engendrar diferentes e opostas formas de vida ao viver-se segundo seus ditames? Eis a pergunta cética, para a qual não há resposta. Ademais, para os céticos, ao pretender-se uma vida natural, que é o mesmo que a imperturbabilidade, os dogmáticos, que vivem segundo suas crenças sobre o funcionamento da natureza, não vivem uma vida natural, mas uma vida teórica, tornando a aspirada serenidade inalcançável. Nesse sentido, as filosofias dogmáticas só geram patologias, notadamente a precipitação e a ostentação, e o ceticismo, uma espécie de terapia filosófica, urge como forma de libertar o homem de seus dogmatismos que o induzem a essas duas patologias. O ceticismo é um purgante mental que expurga-se, levando junto consigo a necessidade de aderir a crenças.

RODRIGO PINTO DE BRITO

⁸ Ver a ocorrência da palavra *αὔχημα* sublinhada na passagem citada imediatamente acima.

⁹ Ver a ocorrência da palavra *κατατομήσαινας* sublinhada na passagem citada imediatamente acima.